

ESPAÇO, RELAÇÕES DE PODER E SUBJETIVIDADES NA NOVELA *UMA VIDA EM SEGREDO*, DE AUTRAN DOURADO

Anísio Batista Pereira¹

Resumo: O presente trabalho se propõe a analisar alguns elementos contidos na novela *Uma vida em segredo*, de Autran Dourado, tais como o espaço, as relações de poder e as subjetividades, com o objetivo de refletir sobre a constituição do sujeito protagonista, Biela, tendo em vista o contraste cultural provocado pelos diferentes espaços na novela supracitada. Como referencial teórico-metodológico, amparamo-nos nos pressupostos foucaultianos, teórico tomado para análise de discurso de vertente francesa, em que foram considerados os conceitos de discurso e sujeito, como categorias de análise. Pela análise discursiva da história, na perspectiva apontada, conclui-se que o sujeito se constitui em espaços distintos, estes se alternam entre o meio rural e o urbano, atribuindo reviravoltas no percurso da referida personagem, possibilitando relacionar a sua constituição como sujeito pelas relações com os espaços distintos e pelas relações de poder que vão moldando suas subjetividades ao longo de suas relações com a exterioridade.

Palavras-chave: Discurso. Sujeito. Espaço.

SPACE, POWER RELATIONS AND SUBJECTIVES IN THE NOVEL *A LIFE IN SECRET*, OF AUTRAN GOLDEN

Abstract: This paper aims to analyze some elements contained in Autran Dourado 's novel *A life in secret*, such as space, power relations and subjectivities, with the purpose of reflecting on the constitution of the protagonist subject, Biela, taking into account the cultural contrast caused by the different spaces in the above-mentioned novel. As a theoretical-methodological reference, we rely on the Foucaultian assumptions, theoretical taken for French discourse analysis, in which the concepts of discourse and subject as categories of analysis were considered. From the discursive analysis of history, in the perspective indicated, it is concluded that the subject is constituted in distinct spaces, these alternate between the rural and urban environments, attributing twists in the course of the said character, making it possible to relate his constitution as subject by the relations with the distinct spaces and the relations of power that shape their subjectivities along their relations with externality.

¹ Doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia. Membro-Pesquisador do Laboratório de Estudos Discursivos Foucaultianos (LEDIF-UFU/CNPq).

Keywords: Speech. Subject. Space.

1 Considerações iniciais

A Análise de Discurso possibilita abrir um leque de opções no que concerne a materialidades para análises, inclusive ao trabalho com a literatura, esta tomada, de forma genérica, como a arte pela palavra e por meio da qual é possível representar uma realidade, em algum momento histórico. Ao longo do desenvolvimento da Literatura Brasileira, várias escolas e modalidades dessa escrita têm sido objetos de estudo, para os mais variados objetivos. Para este trabalho, tomamos como *corpus* a novela *Uma vida em segredo*, do escritor integrante do Modernismo literário brasileiro Autran Dourado (1926-2012), com enfoque no sujeito protagonista da história, a jovem Biela. O objetivo deste estudo é refletir sobre a constituição desse sujeito na trama, considerando o contraste entre diferentes espaços (rural e urbano) e as relações de poder que o constituem no decorrer da narrativa.

Dividida em seis capítulos, a novela supracitada data de 1964 e narra a história de Biela, uma jovem rústica de 18 anos que vive na Fazenda do Fundão e, após a morte de seu pai, – já órfã de mãe – seu primo Conrado a busca para viver com a família dele na cidade. Conrado vive com sua mulher, Constança, e filhos, Mazília, Gilda, Fernanda, Alfeu e Silvino. Moram na cidade em condições bem diferentes de Biela, a qual sofre muito em exercício de adaptação às novas relações sociais às quais é submetida. A história é narrada em terceira pessoa, de forma linear, com diálogos curtos e ambientada em dois espaços distintos: zona urbana e rural, os quais marcam a vida desse sujeito protagonista.

Por se tratar de um artigo e levando em consideração a organização do texto, este encontra-se dividido em quatro partes: na primeira, o esboço do suporte teórico-metodológico, cuja explanação concentra-se nos conceitos de discurso e sujeito em Michel Foucault, ligado à AD francesa; em seguida, uma breve problematização sobre o espaço e sua relação com a constituição

subjetiva; posteriormente, a análise da novela com ênfase ao sujeito protagonista, delineando as discussões para as considerações finais.

2 Sujeito e discurso em Michel Foucault: breves considerações

O discurso em Michel Foucault (2008) pode ser problematizado tendo em vista que seja o fator responsável pela constituição do sujeito, que está impregnado no social, pela aliança entre a materialidade linguística e a história. Esta o torna um acontecimento, uma vez que o enunciado, ainda que repetível, o momento histórico o torna singular. Além disso, há no discurso uma posição de sujeito, não fixo e constituído sempre por discursos diversos, bem como se considera que um enunciado retoma outros enunciados já ditos.

Nossa metodologia de análise se direciona aos postulados de Foucault no que respeita, dentre outros fatores, ao sujeito e ao discurso. Um enunciado, segundo a Arqueologia foucaultiana (2008), deve ser considerado pela dimensão de sua função enunciativa: apresenta um campo associado, relacionado a uma memória, já que se relaciona com outros enunciados; um suporte material, uma data de produção e uma posição de sujeito, como dito acima. Dentre outros fatores, esses integrantes da função enunciativa são relevantes para as análises, sobretudo pela questão do sujeito, não o autor da novela ou o sujeito narrador, mas o protagonista que se posiciona na história, apresentando suas subjetividades. Além disso, outro aspecto considerável, é a materialidade repetível, isto é, as unidades linguísticas que são passíveis de serem repetidas na construção de outros enunciados, mas o momento histórico lhe dá a dimensão de acontecimento, portanto, uma singularidade.

Considerando a história como aspecto fundamental nos processos discursivos e na constituição do sujeito, de acordo com a linha teórico-metodológica adotada, trata-se da nova história. Essa história apresenta uma dimensão não condizente com a história tradicional, esta direciona para certa linearidade dos acontecimentos. A nova história, também chamada de universal, sobrepõe a global, uma vez que considera as várias histórias, isto é, as inúmeras microestruturas sociais, não possuindo uma linearidade dos fatos, mas que caracteriza-se por uma recorrência a fatos passados.

Nessa dimensão histórica, os discursos são sempre povoados de outros discursos e servem de base para as práticas discursivas futuras. Essa característica serve de base para o entendimento, também, da noção de temporalidades distintas vivenciadas pelos sujeitos em um mesmo momento histórico, pelas diferenças nas relações de saber e poder desses sujeitos.

Em cada momento histórico são produzidos seus discursos, de acordo com suas condições históricas de possibilidade, autorizados a circularem ou interditados de acordo com o momento. Os discursos são produzidos sob determinadas condições históricas de possibilidade e passam por regularidades que os determinam, atribuindo-lhes um caráter de unidade:

Chamaremos de *regras de formação* as condições a que estão submetidos os elementos dessa repartição (objetos, modalidade de enunciação, conceitos, escolhas temáticas). As regras de formação são condições de existência (mas também de coexistência, de manutenção, de modificação e de desaparecimento) em uma dada repartição discursiva (FOUCAULT, 2008, p. 43, grifo do autor).

Essas regras de formação dos discursos, ligadas ao momento histórico, se enquadram na chamada dispersão, tendo em vista o caráter descontínuo de um discurso e sua relação com outros já produzidos. A modalidade de enunciação aponta para o sujeito do discurso, seu posicionamento e o que é autorizado ou não esse sujeito dizer em determinadas circunstâncias.

Os discursos autorizados pela sociedade em geral se inscrevem na ordem do dizível de uma determinada época, aquilo que é tomado como verdadeiro, desejos de verdade que seus sujeitos apresentam (FOUCAULT, 1996). A partir dessas verdades legitimadas pela sociedade, os sujeitos acabam por se subjetivarem, ligados, também, pelas relações de poder que os contornam. O que existe, de fato, não são verdades absolutas, mas jogos de verdade que provocam modos de subjetivação distintos.

O conceito de vontade de verdade é problematizado por Foucault a partir da noção de conhecimento científico, sobretudo com o advento do positivismo. No entanto, considera-se que em cada discurso, quer científico ou não, há ali uma verdade, uma vontade de verdade que se manifesta e exerce o trabalho

de subjetivação dos sujeitos, estes sendo seu efeito. Esses discursos não considerados científicos são denominados de outras arqueologias. Porém, vale destacar, como já mencionado, que a verdade não é algo absoluto, mas lugares criados pelos próprios sujeitos e que esses discursos, uma vez produzidos e circulados, constituem sujeitos (FOUCAULT, 1993).

As práticas discursivas acabam por subjetivar os sujeitos, pelos lugares de verdades legitimados socialmente e que produzem esses sujeitos a partir de determinadas formações discursivas. Nesse âmbito, de acordo com Foucault (1993, p. 205), vale considerar que “todas as práticas pelas quais o sujeito é definido e transformado são acompanhadas pela formação de certos tipos de conhecimento”.

Os discursos, tomados como verdadeiros, sobretudo em determinadas épocas, são legitimados por meio dessa autorização de circulação do saber, condizente com algumas ordens, a saber: o sujeito é autorizado ou não produzir discursos de acordo com seu *status* de saber; em cada momento histórico aparecem e circulam determinados discursos, legitimados ou não pela sociedade em geral, isto é, por um número considerável de sujeitos. De acordo com Foucault (1996, p. 9), “sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa”.

Considerando o sujeito como peça relevante na produção de um discurso, recorreremos às indagações sobre as modalidades enunciativas, abordadas por Foucault (2008, p. 55):

Primeira questão: quem fala? Quem, no conjunto de todos os sujeitos falantes, tem boas razões para ter esta espécie de linguagem? Quem é seu titular? Quem recebe dela sua singularidade, seus encantos, e de quem, em troca, recebe, se não sua garantia, pelo menos a presunção de que é verdadeira? Qual é o status dos indivíduos que têm - e apenas eles - o direito regulamentar ou tradicional, juridicamente definido ou espontaneamente aceito, de proferir semelhante discurso?

É explicitado a relação sujeito e discurso no que tange à produção e circulação de determinado discurso, ligados àquele que o produz, pelo *status* de verdade que pode ou não ser legitimado socialmente. Vale destacar as

várias posições de sujeitos que um mesmo indivíduo pode ocupar na esfera social, cujas modalidades enunciativas revelam quem produz determinado discurso.

Nessa ordem discursiva, vale destacar que os discursos se constituem, também, pela resistência, já que os sujeitos se inscrevem em determinadas formações discursivas e não em outras. O que se percebe, então, é a existência de contrastes discursivos, que os sujeitos, pelo seu poder, resistem a determinadas formações discursivas nas quais não se inscrevem.

Por meio dos discursos, a concepção de sujeito, de acordo com o suporte teórico-metodológico adotado, pode ser definido como constituído a partir de suas relações de saber e poder. De acordo com Foucault (1981), os indivíduos estão em constantes relações de poder uns com os outros, constituindo-se em sujeitos por um processo de singularização que essas relações provocam. O sujeito é social, o que dá ideia de conjunto, grupo, mas a realização discursiva é individual, que torna cada qual um sujeito único; pertence a um grupo identitário amplo, mas apresenta seu caráter singular, que encaixa-o em determinada singularidade.

No que concerne essas constituições subjetivas, destaca-se a noção de relações de poder. Trata-se de um aspecto relevante na constituição dos sujeitos pelas práticas discursivas, considerando que os sujeitos se relacionam cotidianamente na sua vida social, constituindo-se pelas relações de microfísicas de poder. Por meio dessas relações, são produzidos discursos e sujeitos, promovendo processos de subjetivação que constituem os indivíduos em sujeitos, estes sempre em caráter social, já que o sujeito é tomado como o reflexo social, de acordo com suas relações de saber e de poder, como mencionado. O sujeito é definido, portanto, socialmente, já que o fator histórico o constitui (na/pela história, pelas suas práticas no presente e pela noção de memória, suas relações com discursos produzidos anteriormente).

O poder não é algo dado, em que uma pessoa o detém e exerce sobre outro indivíduo, mas significa exercício, funcionamento, embora existam poderes muito bem cristalizados na sociedade, de uns sobre outros, sobretudo de caráter institucionais. Essa configuração institucional influencia essas

relações de poder e nas práticas discursivas no seio da sociedade, pois se tratam de estruturas convencionais, já estabilizadas. Considerando esse exercício diário, entendem-se, então, como relações de microfísicas do poder, de sujeitos, que, por meio de suas relações sociais, acabam por se subjetivarem a partir de suas relações discursivas e com outros sujeitos.

Fernandes (2012) ressalta que, por meio das subjetividades adquiridas, o indivíduo se torna sujeito, a partir das quais se posiciona e se inscreve em determinada identidade, a qual não é fixa, uma vez que esse sujeito é histórico e as relações de saber e de poder estão em constantes mudanças. Essa não fixação do sujeito, social, pode ser evidenciada na análise do sujeito protagonista Biela, da novela *Uma vida em segredo*, a qual segue mais adiante, posteriormente ao tópico sobre o espaço e seu papel na constituição do sujeito.

3 O espaço como condição de constituição do sujeito

Tomando o espaço como elemento relevante na constituição do sujeito, este tópico o aborda não no sentido de caracterização de uma narrativa literária propriamente dita, ou no ambiente em si, mas sob o método discursivo, pelas relações de poder que se inscrevem nesses espaços, resultando na produção de subjetividades. Nessa perspectiva, considera-se que na referida novela o espaço se constitui em um dos elementos centrais da história, fator ao qual atentamos como sendo um recurso para construção discursiva, no âmbito de espaços que se contrastam: rural e urbano. Assim, a problematização do espaço na narrativa, aqui apresentada, não apresenta cunho especificamente ligado a estudos literários, mas procuramos problematizá-la relacionando com a teoria foucaultiana, tomando-o como condição de possibilidade para as produções discursivas.

O conceito de espaço pode ser estendido para além do que se percebe como um universo simples, onde serve apenas de sustentação para que aconteça uma história. O espaço, tomado como posição de objetos, pode ser destacado segundo as considerações de Borges Filho (2007, p. 16):

A ideia de espaço como posição de objetos equivale, de modo geral, à concepção de lugar. Essa definição remonta, pelo menos, até Aristóteles. De acordo com essa concepção, só haverá espaço onde houver objeto material. Daí que a principal tese dessa concepção seja a da inexistência do vazio.

Do ponto de vista de relações do sujeito com outros sujeitos (relações de microfísicas de poder) e com saberes, na perspectiva foucaultiana, esse espaço descrito na citação, sob o viés filosófico de Aristóteles, o objeto material, uma vez preenchido o vazio, apresenta essa noção de um lugar constituinte de sujeitos. Seus componentes materiais levam os sujeitos a trocas simbólicas, havendo a presença, então, da linguagem. Além disso, objetos constitutivos de um espaço que funciona como poder simbólico.

Isto posto, essa definição de espaço como cenário que ornamenta o funcionamento narrativo, do ponto de vista literário, pode ser transferida para o campo dos estudos discursivos foucaultianos, tomando o(s) personagem(s) como sujeitos. Estes, inscritos no universo da linguagem, em que esse espaço representa o ambiente propício para a sua constituição, pelas trocas linguageiras que moldam suas subjetividades e que o inscrevem em determinadas identidades. Nesse contexto, vale ressaltar as palavras de Foucault (1993) quando relaciona a subjetividade e a verdade como elementos em consonância na constituição do sujeito. E o espaço aqui considerado, pode ser tomado como recurso pertencente à (jogos de) verdade a partir dos quais os sujeitos se constituem.

Além disso, Borges Filho faz referência à relação entre os objetos entre si e estes com o meio:

Quando falamos de espaço, referimo-nos tanto aos objetos e suas relações como ao recipiente, isto é, à localização desses mesmos objetos. Além disso, nunca podemos esquecer o observador a partir do qual aquelas relações são construídas na literatura. Assim, ao analisarmos um espaço qualquer, por exemplo, casa, navio, escola, etc., não podemos nos esquecer dos objetos que compõem e constituem esse espaço e de suas relações entre si e com as personagens e/ou narrador (BORGES FILHO, 2007, p. 17).

Pelas palavras do citado autor, a noção de espaço ultrapassa o meio em si, mas as relações que se estabelece entre seus componentes, que compõem

todo um universo com seus elementos combinatórios e constituintes de um lugar característico, bem como se pode exemplificar pelos próprios ambientes da história em estudo, em que o rural e o urbano apresentam suas características específicas. Nesses lugares, cada ambiente contém elementos peculiares que os caracterizam, sinalizando espaços que unem de forma natural seus elementos constitutivos, influenciando na constituição do sujeito protagonista de acordo com o ambiente com o qual se relaciona, detalhes que se encontram descritos na análise discursiva da história. O espaço, assim considerado, carrega em si regimes de verdade, inscrevem-se em uma ordem discursiva (FOUCAULT, 1996).

Quando Foucault (1981) problematiza as relações de microfísicas do poder como condição para se produzir sujeitos, esse filósofo traz à tona a noção de que todo discurso é produzido por um sujeito histórico e que seus discursos, no âmbito de suas subjetividades, são frutos das relações de poder que os possibilitam. Para o referido estudioso, todo discurso é produzido e carregado das relações de poder que o sustentam. Assim, considerar o espaço como condição de possibilidade para a produção discursiva, é tomar o ambiente como integrante das relações de saber e onde há funcionamentos de poder, considerando cada detalhe que compõe esse espaço como elemento possibilitador de certa forma de se produzir discursos e modo de subjetivação, bem como reforça, Borges Filho (2007).

A noção de espaço deve abranger todos os componentes do meio, já que cada qual, em sua particularidade, exerce sua importância no contexto. Assim, o macro (meio) ganha significado quando considerados seus micros (objetos) componentes e suas relações entre si, formando, então, o que se pode chamar de ambiente, que, no bojo dos estudos discursivos foucaultianos, funcionam como lugar que provoca efeito, pois dessa exterioridade resulta a produção de sujeito (ou subjetividades). Essa consideração da produção subjetiva, resultante das relações do sujeito com o espaço no qual se inscreve, “não se restringe à análise da vida íntima, mas abrange também a vida social e todas as relações do espaço com a personagem seja no âmbito cultural ou natural” (BORGES FILHO, 2007, p. 33).

Lins, ao abordar sobre a complexidade do espaço, corrobora as considerações de Borges Filho, ao tomar os elementos que constituem o espaço, que podem ser relacionados com o sujeito. Aquele considera tudo o que gira em torno das personagens como constituintes desse ambiente:

Podemos, apoiados nessas preliminares, dizer que o espaço, no romance, tem sido – ou assim pode entender-se – tudo que, intencionalmente disposto, enquadra a personagem e que, inventariado, tanto pode ser absorvido como acrescentado pela personagem, sucedendo, inclusive, ser constituído por figuras humanas, então coisificadas ou com a sua individualidade tendendo para zero (LINS, 1976, p. 72).

Verifica-se que as palavras de Lins (1976) entram em consonância com as considerações de Borges Filho (2007) no sentido em que o espaço deve ser considerado a partir de todos os aspectos que norteiam a trajetória da narrativa. Assim, verifica-se que tanto os elementos visíveis (objetos e fatores naturais) como os não perceptíveis à vista, tais como relações entre esses elementos e desses com o meio e com as personagens, integram esse ambiente, o que pode ser considerado como espaço. Essa mistura entre personagem e espaço, trazendo para o campo discursivo foucaultiano, evidencia o sujeito como produto de suas relações, em que a exterioridade o constitui. Daí, o personagem (sujeito) se confundir e tornar-se parte do espaço no qual está inscrito.

Por outro lado, considerando o discurso literário como objeto de análise, tomando a poética como condição dessa criação que vai para além de uma linguagem com base na realidade das coisas, é possível ir mais além e perceber que o espaço literário pode, além de percebido, ser ornamentado e, muitas vezes, criado pela semântica poética. Segundo Bachelard (1993, p. 458), “eis o espaço curvo riemanniano da fantasia! Pois todo o universo se fecha em curvas; todo o universo se concentra em um núcleo, em um germe, em um centro dinamizado. E esse centro é poderoso, já que é um centro imaginado”. Dessa forma, a fantasia exerce papel importante nesse contexto e, assim, o leitor também desempenha sua função de construir esse espaço imaginário na obra lida, sublinhando a relação entre o espaço (relações de saber e de poder) e seus sujeitos integrantes.

Outras considerações acerca do ambiente em uma narrativa, a nível de sua significação na obra, podem ser percebidas em *O enredo*, de Mesquita (1987), a qual faz uma breve abordagem acerca do espaço físico, relacionando seus vários aspectos, pessoas, objetos, mundo vegetal, enfim, com o inter-relacionamento entre esses elementos na narrativa. Essa autora destaca a importância dessas relações significativas no contexto do discurso literário.

Dessa maneira, indo para além do real perceptível, o clima emergente no decorrer de uma história, do discurso literário, da narrativa, cria um espaço propício à configuração de subjetividades, considerando a AD francesa e Foucault como suporte teórico-metodológico. Assim, o conceito de espaço torna-se preciso, indo para além de aspectos reais, mas também, imaginários, entrelaçando personagens (sujeitos), ambientes naturais e artificiais, além das relações estabelecidas entre si, criando condições para a produção de discursos e sujeitos, a partir dessa exterioridade imediata das personagens. É nessa produção subjetiva ligada ao espaço que pretendemos mergulhar na análise seguinte, da novela *Uma vida em segredo*.

4 Do campo para a cidade: a constituição do sujeito em *Uma vida em segredo*

Procuramos realizar esta análise da novela *Uma vida em segredo*, de Autran Dourado (1964), sob o método discursivo, com a proposta de realizar um estudo acerca da constituição do sujeito, como categoria de análise, tomando o espaço como condição para suas subjetividades. Portanto, todo o enfoque do conteúdo da obra está apontado para a relação sujeito/espaço.

A novela apresenta como protagonista o sujeito Biela, uma jovem, órfã de pais, que se muda da fazenda para viver com seus primos na cidade, Conrado, Contança e seus filhos. De início, a jovem resiste ao novo espaço, os costumes, as novas relações de poder, até se adaptar à nova realidade. Ao longo da história, vive várias aventuras e em inúmeros espaços: nova residência urbana, apego à igreja, andanças pelas ruas, início de um relacionamento, adoção de um cachorro, até sua fase mais velha e morte no

hospital. O sujeito protagonista acaba por se subjetivar de acordo com a exterioridade urbana na qual é inserida.

Partindo para a análise da obra, considerando seus espaços apresentados, com destaque para a zona rural e urbana, percebe-se que há, em “Uma vida em segredo”, inúmeras descrições tanto dos ambientes quanto das personagens da história, principalmente do sujeito Biela e da Fazenda do Fundão. Vários são os espaços descritos ao longo da história, tais como Fazenda, interior da casa (na cidade), igreja, ruas, paisagens naturais, cada qual com sua importância significativa nos discursos apresentados. Mas os dois espaços amplamente envolvidos na novela se resume em zona rural e urbana.

Quanto ao universo representado, há inúmeras passagens, na novela em questão (narrativa) que explicitam as características desse mundo representado, principalmente as características de Biela e a Fazenda do Fundão, considerando-se que as subjetividades da protagonista estão diretamente ligadas àquele espaço rural onde a jovem residia antes de sua ida para o meio urbano.

No início da história, o espaço no qual Biela residia é abordado, isto é, a Fazenda do Fundão, na qual havia, entre outras coisas, uma plantação de café: “A Fazenda do Fundão era de muitos e muitos alqueires de terra. Tudo terra boa, terra roxa de café. Os cafezais eram velhos, é verdade, mas havia ainda muita terra livre, pastos sem fim, o gado, muito gado” (DOURADO, 1970, p. 24). A partir dessas revelações, é possível perceber que, apesar de aparentar uma jovem pobre, Biela era rica, já que a fazenda era da moça. E, sua caracterização de uma vida simples está intimamente ligada a sua vida camponesa. “Se há o espaço que nos fala sobre a personagem, há também o que lhe fala, o que a influencia” (LINS, 1976, p.99). O sujeito supracitado seria o reflexo de suas relações com o meio no qual estava inserido, que refletia na constituição de sua essência, suas subjetividades de camponesa, com todos os elementos descritos à sua volta.

Partindo para a viagem de Biela, em que a moça é levada para a cidade para morar com seus primos, é revelado o espaço inaugural daquela chegada,

sobretudo a rua, espaço urbano que sedia lugar para os trotes do cavalo, elemento típico da zona rural:

A chegada de Biela marcou época para os meninos: Mazília, Gilda, Fernanda, Alfeu e Silvino ficavam impacientes, toda hora chegando na janela para ver o pai apontar no fim da rua: a sua grande figura na besta Gaúcha toda branca, leve e firme, os peitos largos e trotando, o melhor animal de sela da fazenda do Quebra (DOURADO, 1970, p. 24).

Esses discursos materializados nos dão pistas de uma transição de vida pela qual a jovem protagonista iria se passar a partir de então. E seu quarto na nova casa já estava lhe esperando, bem como afirma a prima da moça, Constança: “Você vai ficar neste quarto aqui da sala. Está mais à vontade, tem vista para a rua. Pode até ficar namorando janeleira, mas isso não é bom, dá reparo, se barateia” (DOURADO, 1970, p.27). Biela, apesar de muito simples, diferentemente de seus primos em se tratando de seu nível cultural, é bem recebida naquela casa, como se percebe, a moça é tratada como pessoa importante, acomodando-se no quarto da sala, tendo em vista que se hospeda nos quartos da sala pessoas de classe social mais alta.

Quando Foucault (1981) aborda sobre as relações de microfísicas de poder, destaca essas condições como aspecto relevante para a constituição de sujeito. Essa transição espacial do sujeito influencia, sobretudo, as relações de poder de Biela, pelos moradores da cidade e, principalmente pelos espaços na nova casa, pelas representações de cada cômodo da casa, inclusive o tratamento de sua prima que a acomoda no quarto da sala, ambiente de pessoas elegantes, negando a simplicidade que integrava esse sujeito até então.

Mas Biela, apesar de todo o conforto reservado para ela naquele estabelecimento, demonstra forte resistência para se adaptar à nova vida, à nova residência. Ao chegar ao quarto, lembra-se de sua cama da fazenda, que apesar de não ser tão confortável quanto a da casa de sua prima, lhe remete uma nostalgia, caracterizando a sua simplicidade. Dessa forma, “no quarto, sentada na cama de mola, que se afundou rangendo ao peso do corpo, tão diferente do seu catre de tábuas, Biela fincou os cotovelos nos joelhos, apoiou

o queixo nas mãos e ficou de olhos grudados no espelho de moldura em cima da cômoda (DOURADO, 1970, p.30).

Essas sensações inaugurais de Biela, na sua nova residência, são reforçadas a partir de sua observação aos detalhes do quarto, tão diferente daquele onde ela dormia, na Fazenda:

E começou a sentir o próprio corpo, o cheiro novo do quarto. Tudo limpo, tudo arrumado para ela. Não precisavam. Os dedos correram de leve na fronha lisinha e cheirosa. O cheiro de alfazema que recendia do lençol. Afundou a mão no travesseiro e o tato lhe revelou a macieza que ali dormia, e as suas narinas captaram, com o tato, o cheiro seco da macela do travesseiro afogado de pouco. Os olhos percorriam lentos as paredes nuas, os móveis, o retângulo da janela aberta (DOURADO, 1970, p.31).

Nesses enunciados, fica nítido o sentimento de recordação da jovem, que, apesar do conforto daquele quarto a ela destinado, ela sentia falta do seu velho, o qual ela deixara na Fazenda do Fundão. A citação “Não precisavam” deixa claro que a jovem queria continuar sua vida simples. O conforto do quarto a incomodava, revelando seu modo rústico de vida. Relacionando esta passagem da história como a noção de lugar, segundo as considerações de Borges Filho (2007, p. 21), este autor afirma que “lugar compreende nossas necessidades de localização, posição, mobilidade, interação com objetos e com pessoas. Essa forma de encarar o lugar implica uma noção de corpo, de estar no mundo, de existir e coexistir.” Além disso, essas considerações do autor entram em consonância com as formulações foucaultianas no sentido de o espaço se enquadrar como a exterioridade que reflete na constituição do sujeito discursivo. A partir dessa mudança brusca de espaço do sujeito Biela, sua constituição entram nesse contraste subjetividades/espaço. Como abandonar as “velhas” subjetividades e assumir nova identidade a partir de então? Como reagir a essas novas relações de poder? De que maneira se inscrever nessa nova ordem discursiva (FOUCAULT, 1996) a ela apresentada? Essas indagações sublinham o contraste entre os espaços campo/cidade, tendo em vista a constituição dos sujeitos que nesses espaços habitam.

A rotina da nova casa era nova para a moça, a qual observava todos os detalhes, em todas as partes da casa. Na cozinha, como revela Dourado (1970,

p. 32), ela percebia, do quarto, os residentes se movimentando, luzes acesas e pessoas conversando. Segundo o autor, “uma luz na sala clareou a bandeira de vidros coloridos da porta. Ouviu passos, gente andava na sala. Ouviu vozes e um riso claro, alto. Eles viviam”. A expressão “Eles viviam” exterioriza o discurso relacionado à sensação de indiferença na qual Biela vivia. Revela, dessa forma, que enquanto seus parentes seguiam uma vida feliz, a jovem simplesmente demonstrava tristeza, não se conformando com aquele espaço, aquele novo ambiente no qual ela se encontrava. Assim, seus primos “viviam” e ela, não. Contraste espacial, tendo em vista as inscrições desses sujeitos em diferentes formações discursivas que os constituem (FOUCAULT, 2008).

Tomando as palavras de Foucault (1981) ao tratar das relações de poder, vale destacar as resistências como sua consequência. A resistência de Biela à nova ordem discursiva era nítida. A todo momento da história, são descritas lembranças da moça em relação à Fazenda, onde a mesma morava. E, em uma dessas lembranças de seu lugar de origem, detalhes precisos daquele espaço são descritos:

E ouviu a cantiga mais bonita, mais mansa, mais feita das cores do céu. Uma sensação assim tão boa, mas tão diferente, só de noite na roça, o riachinho correndo, quando esticava o ouvido para ouvir o chuá-pá do monjolo: a água enchendo o cocho, o silêncio, o ranger do cepo na tranqueta, o chuá da água, o barulho chocho da mão caindo no pilão quando se pilava arroz, mais duro quando se esfolava milho, e tudo se repetia feito um choro monótono e sem fim, o monjolo rangendo (DOURADO, 1970, p. 33-34).

Percebe-se, nos discursos do trecho, detalhes importantes do espaço onde Biela residia, isto é, a Fazenda do Fundão. Vários atributos são levantados para realçar o espaço em relação à vida simples de Biela, quando a moça morava no campo, apontando para a raiz da simplicidade e subjetividades do sujeito. Tanto elementos naturais quanto artificiais são mencionados, sendo possível traçar um paralelo entre o meio rural e o urbano, diferenciando-se pelo conforto e simplicidade entre campo e cidade. E, tudo marcado pela resistência de Biela, a qual relembra com nostalgia de sua vida camponesa. Essas descrições do espaço, bem como dos objetos que o compõem, correspondem às considerações de Borges Filho (2007), quando

aponta sobre a importância dos objetos que compõem o espaço, bem como as relações existentes entre si e com as personagens, estando em consonância com as considerações foucaultianas no que tange à constituição do sujeito pela exterioridade.

Um fator curioso e culturalmente difundido na sociedade aparece em um certo momento da história, revelando, mais uma vez, a rotina da jovem Biela na casa de seus primos. As repartições sala e cozinha demarcam as classes sociais, em que na maioria das vezes, as pessoas mais simples permanecem na cozinha e as de nível mais elevado, na sala. E, curiosamente, Constança procura trazer Biela para ficar com ela na sala, alegando não ser conveniente sua permanência exclusivamente na cozinha. Esses discursos entram nos denominados jogos de verdade, tendo em vista que as subjetividades são constituídas a partir dos regimes de verdade vigentes (FOUCAULT, 1993). Dessa forma, é materializado o discurso em que Constança procura quebrar aquela sensação de diferença de classes entre ela e Biela, e sugere que a jovem, sua prima, vá para a sala. “Mas não podia ficar muito tempo na cozinha, prima Constança mandava chamá-la. Minha filha, dizia Constança, não fica bem você ficar o tempo todo lá na cozinha com as criadas. O seu lugar é na sala, com a gente” (DOURADO, 1970, p.38).

Essa tentativa de mudança nos modos de subjetivação, inclusive na forma de se vestir, é reforçada no seguinte enunciado:

Era de vê-la andar pela casa feito um espantalho, os braços abertos, com medo de amarrotar o vestido. Andava com dificuldade, como se alguma coisa a espetasse. A cintura, acostumada à frouxidão dos vestidos roceiros. Murchava a barriga, enfunava o peito, pisava nas pontas dos pés, prestes a levantar vôo (DOURADO, 1970, p. 48).

Percebe-se, assim, que acontece uma resistência por parte de Biela em relação ao novo estilo de vida que lhe é imposto. Ela demonstra nitidamente que não queria mudar suas subjetividades, constituídas em razão de sua relação com o antigo espaço, Fazenda do Fundão. Apesar de morar, naquele momento, em um novo estabelecimento, exigindo dela um novo padrão de vida, a jovem se mostra avessa ao luxo e à mordomia, persistindo nos seus

velhos costumes camponeses. Por outro lado, é materializada uma imposição por parte de sua prima Constança, que anseia para que aquela jovem adote seu estilo de vida. Essas imposições, em razão das resistências do sujeito Biela, entram no jogo de relações de poder (FOUCAULT, 1981) e dos modos de subjetivação, como reflexo de regimes de verdade que entram nesse contraste, tendo em vista os espaços distintos.

Outro fator que merece destaque é a mudança religiosa pela qual Biela passa. A jovem, nas suas idas à igreja, percebe uma diferente descoberta em relação a Deus. Para ela, o Deus lá da Fazenda era diferente ao Deus que a mesma “vê” a partir de então. “Um Deus diferente, um Deus que falava mansinho com ela. Não sabia o que Deus dizia, mas ganhava a certeza de que Deus falava mudamente com ela” (DOURADO, 1970, p. 64). Trata-se de um processo de subjetivação, cuja formação discursiva religiosa é aderida pelo sujeito protagonista, em que a mudança de seu lugar social vai se dando a partir de sua relação com os diferentes espaços. Essas novas subjetividades demonstram que o sujeito não é estático, mas historicamente marcado e sempre em processo de constituição, na perspectiva foucaultiana. Além desse discurso religioso, pelo qual esse sujeito se subjetiva, pela mudança de visão em relação a Deus, outro fator buscado por ele que o subjetivaria seria o namorado, tomar o amor como elemento capaz de provocar uma mudança, bem como sua prima lhe apoiava. E seu cachorro que lhe atribui nova perspectiva de subjetivação, o que um animal de estimação pode proporcionar a um sujeito, sobretudo jovem.

São materializadas, nas suas idas à igreja, as quais passaram a fazer parte da rotina de Biela, várias descrições do espaço urbano, que podem ser percebidas, da casa de sua prima até a igreja:

Biela descia a rua da igreja. Rente ao muro, enrolada no chale preto que lhe cobria a cabeça e os ombros, procurava se abrigar do ventinho frio. Era junho e o vento assobiava fino, cortante, açulava as árvores dos quintais, descia zunindo as ruas vazias, balançava as lâmpadas dos postes (DOURADO, 1970, p. 113).

É materializada uma riqueza de detalhes do espaço urbano daquela cidade, por onde a moça passava, com intensidade perceptível ao toque de seu figurino e algo novo para a jovem, acostumada com a paisagem natural do campo, como espécie de memória constitutiva desse sujeito. Essa relação entre espaço e figurino realça as subjetividades de Biela, como quem passa por um processo de adaptação a uma nova vida. Em se tratando desse sujeito protagonista “a inserção social desta, entretanto, pode ser sugerida em grande parte por elementos exteriores, como o bairro ou a situação geográfica...” (LINS, 1976, p.98). Eis o processo de subjetivação desse sujeito que acaba por sofrer uma transição na sua constituição por diferentes espaços no meio urbano.

Partindo para o desfecho da novela, em que Biela já se encontra debilitada em seu quarto, este é descrito como sendo sinônimo de abandono, mas que, aparentemente, possibilita estabelecer uma conexão com o quarto da Fazenda onde ela vivia antes de ir para a cidade, em suas lembranças. “O cheiro quente, abafado, nauseante, do quarto, misturado com morrinha de cachorro. O quarto não via limpeza há tempos. Devia voltar para o quarto da sala. Era mais amplo, mais arejado, ali podiam cuidar melhor dela” (DOURADO, 1970, p.129).

Dessa forma, mais uma vez o sujeito Biela é levado para um ambiente diferente do qual ela se encontrava, só que agora, em um outro contexto. Percebe-se que o sujeito Biela é levado a um espaço que não a pertencia, ao longo da história. Apesar das mudanças de espaço, do figurino da jovem, dos seus costumes, o que se percebe é uma forte resistência por parte desse sujeito. Porém, suas subjetividades vão sofrendo alterações ao longo da história, apesar do apego à sua origem, tendo dificuldades de se subjetivar de acordo com as verdades impostas, a nova ordem discursiva com a qual se depara, no espaço urbano.

5 Considerações finais

O presente trabalho teve o propósito de analisar, discursivamente, a novela *Uma vida em segredo*, de Autran Dourado, a partir de uma perspectiva espacial, a fim de refletir a influência de fatores ambientais (espaciais) na constituição subjetiva do sujeito protagonista. Assim, percebe-se que o sujeito personagem central da história, prima Biela, é marcado por dois espaços principais, os quais influenciam diretamente na sua constituição ao longo da trama: Fazenda do Fundão e Cidade, isto é, zona rural e zona urbana. Procurou-se problematizar, a partir desse contraste espacial, os modos de subjetivação que entram nesse jogo de verdades do ponto de vista espacial, tomando as relações de poder como parte integrante nesse processo.

Pelos discursos materializados ao longo da história, em que prima Biela perpassa por estes dois espaços distintos, é perceptível que esses lugares influenciam diretamente nas subjetividades da jovem, provocando um choque cultural na moça, cuja transição de moradia força-a a assumir uma nova identidade. Acontece, assim, um contraste entre campo e cidade, desestabilizando a constituição do sujeito Biela. Porém, vale destacar que em meio às resistências quanto à nova ordem discursiva na qual esse sujeito é inserido, ele não permanece o mesmo. Ao longo da história, seu lado social e religioso vai enfrentando as dificuldades e cedendo à nova realidade. Nesse processo de subjetivação, alguns elementos merecem destaque: Deus, amor conjugal, amizade, são elementos constitutivos de um espaço novo, responsáveis por essa transição subjetiva de Biela, que experimentam inúmeros espaços na cidade: partes da sua nova casa, rua, igreja e, por fim, hospital, que integram esse novo ambiente do sujeito protagonista, até sua morte.

Ainda que de forma lenta, vale destacar que o sujeito referido se constitui no novo espaço a partir de suas convenções, dadas as novas relações de poder e de saber, de acordo com a história. Esse processo denuncia a relevância do espaço na constituição subjetiva, pelo discurso, dada sua relação com os elementos externos, sendo o reflexo da exterioridade e que suas subjetividades não são fixas. Assim sendo, vale sublinhar a constituição desse sujeito em diferentes ambientes e que sua transformação revela uma

(des)continuidade demarcada historicamente, a partir desses diferentes espaços.

Bibliografia

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BORGES FILHO, Oziris. *Espaço e Literatura: introdução à toponálise*. São Paulo: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

DOURADO, Autran. *Uma vida em segredo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1970.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Discurso e sujeito em Michel Foucault*. São Paulo: Intermeios, 2012.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. *A ordem do discurso*. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. *Microfísica do Poder*. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.

_____. Verdade e Subjectividade (Howison Lectures). *Revista de Comunicação e linguagem*. nº 19. Lisboa: Edições Cosmos, 1993. p. 203-223.

LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.

MESQUITA, Samira Nahid de. *O Enredo*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.